

Língua Terena: Identidade Linguística

Vanessa Alves Margarejo

PG/UEMS

Marlon Leal Rodrigues

NEAD/UEMS

Resumo: O objetivo do trabalho é abordar algumas considerações em relação a origem e o percurso sociolinguístico que a língua Terena percorre como meio de interação com a etnicidade do grupo pertencente. Analisar sobre a representação indetentária dos Terena e como está sendo construída a representação linguística entre os Terena. No desenvolvimento deste trabalho qualitativo, foi elaborado: 1) Pesquisas bibliográficas com bases teóricas de autores que buscam auxiliar nos estudos linguísticos como: Cagliari (1993); Cruz (2009); Dias (2010); Lima (2002), Urquiza et al (2010), entre outros autores. 2) Pesquisa de campo na Aldeia Aldeinha e aos arredores (sabemos que nem todos os parentes vivem dentro da Aldeinha por falta de espaço), localizada no município de Anastácio-MS, onde foi realizado a aplicação de dois questionários direcionados a dose indígenas, seis falantes e seis não falantes da língua Terena, com idade entre 14 a 72 anos, para podermos compreender como está sendo elaborado o uso e a mediação da língua Terena. Compreendemos através da pesquisa que a comunidade enquanto mediadora de saberes, construindo assim a identidade étnica de seus componentes, pode proporcionar ou não a mediação desses saberes, costumes, dentre outros que assim como a língua Terena fazem parte da construção da etnicidade. É relevante sabermos que nenhuma pesquisa é dada seu término como finalizada ou concluída, dessa maneira proponho que seja interessante pesquisar a importância da família, a qual assim como a comunidade também servem como base da educação de seus membros, talvez no intuito de saber o como está sendo formada a estrutura familiar em relação a etnicidade pertencente.

Palavras-chave: Etnicidade. Língua Terena. Comunidade. Identidade.

Introdução

O objetivo dessa pesquisa é tentar compreender o porquê da relevância da língua Terena, considerada socializadora, no intuito de fazer-me entender sobre meus sentimentos acrescidos desde a infância, onde o mais próximo que pude ter de contato com a língua Terena foi com minha avó paterna indígena, bilíngue.

Ela que usava da língua Terena como um código, por exemplo, para os demais não falante da mesma, fazendo com que não houvesse entendimento sobre o que ela estava dizendo. Minha avó, nascida e criada na aldeia Ypegue, distrito de Taunay, em Aquidauana-MS, foi casada com meu avô não indígena, casamento, segundo ela,

arranjado pelo pai dela, questão considerada comum naquela época, os pais escolherem os maridos para suas filhas.

Ela casou-se muito nova, teve oito filhos, três mulheres e cinco homens, incluindo meu pai, alguns nasceram na aldeia Ypegue e outros em fazendas, pois meu avô trabalhava de campeiro. Em virtude do não contato com outros indígenas bilíngues, alguns dos meus tios que nasceram e foram criados fora da aldeia, não eram falantes da língua Terena, mais meu pai, teve a oportunidade de aprender nossa língua materna, ele era bilíngue.

Nesse vai e vem de meus avós de fazenda em fazenda, mais sempre voltando para a aldeia, foi quando houve uma desavença entre meu avô e seu vizinho, que meus avós se viram obrigados a abandonarem a casa na aldeia e irem e construírem uma nova morada na cidade de Aquidauana-MS, para terminar de criarem seus filhos. Dessa maneira enfatizando as interferências de novas culturas na criação de seus filhos, em relação a época que ser indígena (até os dias atuais), era e é visto com preconceitos, foi que meu pai bilíngue ainda adolescente, deixou de falar a língua Terena e tornou-se apenas ouvinte, fazendo da língua portuguesa, sua primeira e única língua.

Minha avó, não diferentemente, passou a usar a língua Terena para conversas com os parentes bilíngues e alguns de meus tios que saberá a língua, ato esse que os demais próximos não podiam compreenderem e nem participar do diálogo. No caso com seus netos, me incluindo, nem minha avó, e nem meu pai nos transmitiu ou não nos permitiu ter contato com nossa língua Terena, sempre quando ela estava falando a língua Terena com alguém, tínhamos a curiosidade de saber e aprender, mais ela sempre se negava a nos ensinar.

Em relação a meu pai, o mesmo tinha vergonha de falar, quando eu pedia para ele me dizer o significado de alguma palavra, que tinha ouvido minha avó falar, ele se negava a traduzir ou ensinar, tanto a mim, quanto a meus dois irmãos, na época de minha infância. Nos dias atuais meu pai tem mais filhos do seu segundo casamento, e a mesma história, ele não ensinou nenhum de meus novos irmãos a nossa língua materna, a língua Terena.

Assim em busca de compreensão de socialização que a língua pode nos transmitir, em relação a sensação que tinha quando era fadada a não interação dos diálogos que tinha minha avó com meus tios e parentes bilíngues, os quais nós não

falantes nem ouvintes da língua Terena, éramos limitados incapacitados de participar. Tendo em vista que os modos e costumes de nosso povo se modificou em relação a nossa nova morada. “A organização familiar e matrimonial sofreu grandes influências e alterações com os movimentos da aldeia para a cidade. [...] O contingente infantil sofreu e sofre influências que fragmentam suas identidades, por conta dessas tensões vividas. (CRUZ, 2009, p. 31 e 32)”.

Quero atentar o olhar sobre o quanto, assim como eu perderam um pouco de contato com seus povos de origem, uma vez que no momento que se é fadado ao não aprendizado do que lhe é de direito, passa-se ao condicionamento de não pertencimento daquela família ou comunidade. (CRUZ, 2009).

Dessa maneira a pesquisa teve como referencias teóricas os seguintes autores: Cagliari (1993); Cruz (2009); Dias (2010); Lima (2002), Urquiza et all (2010), entre outros autores. A pesquisa está organizada em dois capítulos, no primeiro capítulo foi abordado questões sobre o contexto histórico do nosso povo Terena, no âmbito do estado-sul-mato-grossense.

Elaboramos de maneira sintetizada estudos sobre os conhecimentos históricos sobre a língua Terena e sua miscigenação em meio ao novo espaço multicultural. No segundo capítulo apresentamos a história da Aldeia Aldeinha de Anastácio-MS, desde seu princípio tendo como fundadora a família de dona UMBERLINA no dia 8 de abril de 1932. Também apresenta uma pesquisa de campo, elaborado através de questionários entregues para dose parentes, no intuito de tentar compreender melhor como nossa língua Terena está disseminada em meio ao impacto sociolinguístico, enfatizando a aldeia, a qual está localizada em meio urbano, onde a língua predominante é a língua portuguesa.

Considerando que desde a colonização a língua portuguesa esta entrelaçada em meio ao contexto linguístico de nós Terena, enquanto possuidores de nossa própria língua, a língua Terena. Dessa maneira com base em pesquisas bibliográficas de estudiosos sobre o uso e funcionamento da língua, que podemos entender o processo linguístico, a qual a língua percorre, sua transformação e permanência/ existência, exige o uso da mesma pelos seus membros.

Povo Terena: A Trajetória Deste Grupo Étnico No Estado-Sul-Mato-Grossense

A originalidade de nós Terena vem do pertencimento da família Guaná, segundo a autora Cruz (2009), sendo os mesmos indicados como segundo grupo populacional sul-mato-grossense. Dessa maneira subentendendo que a população indígena Terena está espalhada a maior parte no centro-oeste do Estado (como a cidade de Aquidauana, Anastácio, entre outras), formação essa construída através da desterritorialização, que segundo a autora tal acontecimento se deu em virtude do desapossamento de seus lugares de origens. “O transitar do Terena de um lugar para o outro, não favoreceu o abandono do seu jeito de ser, nem a cultura que está impregnada em sua alma.” (CRUZ, 2009, p. 29).

Seja no modo de ser ou pensar, por mais que temos contato com diversas culturas, isso não quer dizer que mudamos ou vamos mudar, mais sim que temos grandes possibilidades de aprender e transmitir grandes conhecimentos.

Conforme Cruz (2009), não há divergências quando se estabelecem vínculos entre as culturas:

Das etnias que vivem em MS, os Terena são indígenas que estabelecem e mantêm relações estreitas com a população não índia envolvente. Apesar de incorporarem vários hábitos dos não índios os Terena não abandonaram seus conhecimentos tradicionais que a terra aglutina e permite transmitir saberes, assim como a memória, por meio de uma estrutura simbólica, torna-se referência para as aprendizagens na aldeia. (p.28-29).

Vivemos numa sociedade mistificada, onde todos nós nos auxiliamos em sua construção, nessa perspectiva não cabe julgar as diversidades socioculturais (modos de falar, vestir, etc), que atualmente estamos integrados. Na perspectiva de atentar para as divergências que nossos antepassados sofreram com o desapossamento do território, ressaltando a concepção de que cada um de nós Terena temos a sã consciência que não perdemos nossos costumes, como a maneira que ensinamos nossos filhos, fazendo algo (cozinhando, lendo ou até mesmo transmitindo o amor e a forma de se regar e cuidar de uma planta), e eles observando para aprenderem. “A identidade étnica é contrastiva, implicando a afirmação do nós diante dos outros.” (CRUZ, 2009, p. 28).

Nessa perspectiva a autora Silva (2009), também nos traz contribuições a respeito de nós Terena caracterizando-nos como subgrupo remanescente do grupo Guaná, considerando a questão migratória como a principal culminância territorial. Assim a autora ressalta o momento que tal acontecimento se deu quase finalizando o século XVIII, quando os parentes*, atravessaram o Rio Paraguai, fincando raízes na região sul-mato-grossense, a qual segundo a autora os povos indígenas originam do Chaco Paraguai/Boliviano ou segundo a mesma, lugar também fora chamado de Êxiva, dentre outros grupos também pertencentes do Guaná, como os Layana, Kinikinaua e Exoaladi.

Logo Silva (2009), ressalta as contribuições dos parentes para com a formação do país, como por exemplo, servindo de mão de obra barata e na participação da Guerra do Paraguai:

Após o término da guerra do Paraguai, algumas comunidades desapareceram, grupos locais mudaram de lugar, outros foram incorporados a comunidades tribais mais estabilizadas. O fato é que a população Terena, embora tendo sido espoliada da maior parte do seu território, ou provavelmente por isso mesmo, passou a ocupar pequenos nichos, que se ofereciam viáveis à sua instalação por mais precária que fosse. Alguns desses lugares foram transformados em comunidades indígenas pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e outros continuam a guardar essa proveniência, sem a qual os grupos locais remanescentes não resistirão ao cerco e à pressão da sociedade regional, no sentido de lhes tomar as terras e de engajá-los às colônias de fazendas. (p.22).

A privatização territorial dos povos indígenas causou uma escassez, devido à falta de lugar para plantar, dentre outras atividades que nossos antepassados faziam para manter a subsistência. Subentendendo a maneira como os povos indígenas eram vistos como mão de obra barata, os quais além de trabalharem para os fazendeiros, donos de seus antigos territórios, o SPI também viu a oportunidade de utiliza-los para outros termos, como a construção das linhas telegráficas. As lutas de nossos parentes para com a proteção do território, pelo fato de que era da terra que se tirava o sustento da família, perdura até os dias atuais. Sabe-se que o SPI, criado em 1910, com o objetivo de cuidar

* Nome dado por nós indígena a outro indígena.

das populações indígenas sobre gerenciamento de Cândido Mariano da Silva Rondon, algo que caracterizou o descaso com a população indígena, pois antes de nos limitar a certo espaço, ou seja, na criação de reservas (lugares destinados a moradias indígenas), dessa maneira não tiveram a mínima consideração, do como nosso povo iria sobreviver, os quais antes tinha um país inteiro, que fora-lhe tirado, no período colonial. (SILVA, 2009).

Conhecendo a língua Terena

Acredita-se que nós Terena somos pertencentes da família Guaná de tronco linguístico Aruak, como os Guaná também fazem parte da família Aruak, há afinidades entre a nossa língua Terena. (SILVA, 2009).

Para Silva (2009), a língua Terena não tem sido alvo de muitas pesquisas, embora se encontram diversos estudos sobre a história dos Terena em relação as culturas educacionais e sociolinguísticas. Logo a autora cita os missionários do Summer Institute of Linguistics- SIL, como sendo os primeiros a elaborarem estudos sobre a língua, no ano de 1960. Os estudos dos missionários, segundo a autora em relação a língua, são estáveis, no momento em que delimita a junção de elementos da língua, dessa maneira não tem como haver uma formação própria da língua.

Segundo a autora Silva (2009):

Essa falta de um conjunto organizado dos resultados dos estudos da língua é visível nas cartilhas em língua Terena, embora saibamos que, para a elaboração da ortografia e das cartilhas, foram necessários estudos fonéticos, fonológicos, morfológicos semânticos e sintáticos da língua. (p. 25)

É subentendido que os SIL tenha elaborado pesquisas sobre as línguas indígenas, considerando assim que de certa maneira, esses linguistas contribuíram com os registros de línguas indígenas brasileiras, questão considerada primordial para a permanência e existência da língua. (URQUIZA et all, 2010).

Urquiza et all (2010), as pesquisas sobre a língua indígena no contexto geral, teve início com os jesuítas que estudaram a língua tupi, para favorecer a comunicação, primeiramente dialogada para que depois eles conseguissem catequisar os nativos. Dessa

maneira, outras línguas que existira foram deixando de existir, pelo fato de serem ignoradas por muitos anos.

Nessa perspectiva, desconsiderando totalmente outras línguas, que muitas se perdera com a colonização do Brasil, ocorreu a partir do século XIX, estudos sobre as demais línguas, assim as mesmas começaram a serem percebidas, estudos esses elaborados por missionários e estudiosos, registros e pesquisas feitas por meio de convívio com populações indígenas que falavam outras línguas, não se limitando a língua tupi.

Os autores Urquiza et all (2010), trazem como contribuições estudos relevantes respectivamente sobre as línguas indígenas brasileiras, exclusivamente do estado-sul-mato-grossense, ou seja, a língua Terena e também utilizar desta pesquisa como forma de registro. Nesse sentido os autores fazem um percurso bibliográfico desde a colonização, onde pensa-se ter iniciado a perda de muitas línguas indígenas, onde vários pesquisadores e antropólogos se arriscam a estimar e quantificar essas perdas com a chegada dos europeus, não cabendo aqui citar ou concordar com qual que seja esses pareceres.

Nessa perspectiva os estudos sobre a língua não se limitando aos Terena, tem se evidenciado cada vez mais por historiadores, antropólogos, linguistas, entre outros, que trazem contribuições, as quais tem auxiliado futuros pesquisadores sobre o assunto.

Nas palavras dos autores Urquiza et all (2010):

Vários outros registros sobre a língua foram feitos, também sem o rigor da ciência, como os dados coletados por Marechal Rondon e outros profissionais não linguistas e todos esses trabalhos de coleta de listas de palavras e anotações sobre algumas formas de uso das línguas foram bem aproveitados posteriormente pelos linguistas. Repito essas informações aqui para ilustrar o fato de que as línguas sempre foram objetos de curiosidade de estudos em geral, não apenas de linguistas. Mesmo sabendo-se que a língua não é único fator de identidade étnica de um povo, é importantíssimo que ela seja mantida e praticada pelos seus falantes, pois ela ajuda a preservar muitos traços da cultura e, principalmente, ajuda a manter a auto-estima coletiva. (p. 49).

Cabe aos falantes, mediar a língua não só oralmente, como também escrita para as novas gerações, como seus filhos e netos ou até mesmo com contribuições através de projetos sobre a língua em sua comunidade, para que haja o processo ensino

aprendizagem dos demais não falantes, que também fazem parte daquele meio social. (URQUIZA et al, 2010).

A Identidade sociocultural do povo Terena

Atualmente vivemos num país onde há uma grande diversidade sociocultural, temos várias culturas, a cultura japonesa, cultura gaucha, entre outras, além da nossa cultura indígena, que através da música, da comida, dentre outras questões que fazem parte da cultura de um povo, como por exemplo, enfatizando a língua como meio de interação sociocultural, que utilizamos para comunicação, é de suma importância para a construção dessa interação, sociedade e cultura. (RCNEI, 1998).

No Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas- RCNEI, de 1998, ressalta os estudos linguísticos, como facilitador da compressão sobre a língua de diferentes povos, podendo nos proporcionar conhecimentos específicos, sobre suas peculiaridades, identificando particularidades que se evidencia a um tronco linguístico.

É através desses estudos que podemos tentar compreender todo o processo que a língua materna de um grupo étnico, pode-se transformar, seja com o passar do tempo ou pelo processo migratório em contato com outros grupos sociais que são possuidores de outros linguajares.

Dessa maneira a linguagem auxilia a passar para o outro, conhecimentos sendo eles ideias, sentimentos que a sociedade necessita cotidianamente. Nesse sentido o RCNEI (1998):

A linguagem é quase sempre, o meio mais importante através do qual os povos constroem, modificam e transmitem suas culturas. É por meio do uso da linguagem que a maneira de viver de uma sociedade é expressa e passa constantemente reavaliada, de uma geração para outra. Os modos específicos de usar a linguagem são, por isso, como documentos de identidade de um povo num determinado momento de sua história. (p. 105).

É também através da linguagem que podemos conhecer um pouco mais de nossa cultura, se sentir pertencente de uma sociedade, onde teremos a plena confiança de integridade sociocultural. Na busca por relações sociais, é fundamental nós indígenas, termos raízes, vínculos com os outros grupos sociais, utilizar nossas capacidades

interativas, na busca de construções da nossa própria história. [...] espaço, onde buscamos dar sentidos para nossa própria existência. (RCNEI, 1998, p.105).

Outros autores como Bittencourt e Ladeira (2000), também ressaltam sobre as consequências que o processo migratório pode interferir na comunicação, transformando a língua, dependentemente do lugar e da convivência:

Dessa forma, apesar da língua ser a mesma, os Terena de Cachoeirinha, por exemplo, falam de um modo diferente dos Terena de Taunay e, da mesma forma a língua portuguesa falada pelos gaúchos é diferente da língua portuguesa falada pelos pernambucanos ou pelos habitantes de Portugal. Podemos saber, então, pela fala, o lugar de origem daquela pessoa. Podemos também identificar se um Terena é de Cachoeirinha, de Ipegue, de Bananal ou de outras aldeias. (p. 13).

Nessa perspectiva podemos compreender o processo linguístico, dando ênfase as diferenças sociais de um único povo (os Terena), terem uma diversidade linguística, suas variações são decorrentes da dessocialização que os grupos mantem em comum. Compreendendo que além da falta de contado pelo fato de os parentes residirem em aldeias, ainda há a questão de que pela crescente população, os mesmos são obrigados a mudarem para as cidades, entrando em contado direto com outros grupos sociais, questão que influencia diretamente na construção linguística de ambos os grupos. (BITTENCOURT e LADEIRA, 2000).

História da Aldeia Aldeinha no município de Anastácio-MS

A Aldeia Aldeinha, situada dentro de perímetro urbano no município de Anastácio-MS, onde também reside parte de nossos parentes da etnia Terena. A aldeia, cuja população tem se demonstrado em crescimento cada vez mais, fica 127 km de distância da capital sul-mato-grossense, na cidade de Campo Grande. (PEREIRA, MEDEIROS e SILVA, 2016).

Os autores elaboraram uma pesquisa com a população da Aldeinha, através de entrevistas onde os próprios moradores relataram suas histórias vivenciadas sobre seu habitat, assim um dos moradores afirmou que tudo se iniciou com a família de Dona UMBERLINA que veio da aldeia Buriti em 8 de abril de 1932, tal ocorrido foi por causa de desavença familiar sobre questões religiosas. Dona UMBERLINA estava de passagem pela

fazenda Santa Maria, atualmente município de Anastácio-MS, onde estava um de seus filhos Jorge José da Costa, foi quem fez com que dona Umberlina ficasse na fazenda, com intuito de comprarem terras nas margens do rio Aquidauana MS. Dessa maneira dona Umberlina constitui sua moradia em nosso atual município, com o fato crescente de sua família e demais famílias que depois vieram, fora se constituindo vilas, que cada vez mais tomara conta da antiga fazenda, hoje não só situada a Aldeinha com cerca de 91 famílias indígenas, totalizando 350 habitantes, cercada por um município com grandes sociodiversidades culturais. (PEREIRA, MEDEIROS e SILVA, 2016).

Logo os autores citam a origem do nome da aldeia Aldeinha, proveniente dos evangélicos, que tinha costume de todos os domingos depois da escola dominical, passear nas casas dos membros da “pequena aldeia” fazendo menções aos parentes de dona Umberlina e seu filho, dessa maneira as moradias ficaram conhecidas como Aldeinha. Sobre as questões burocráticas, que toda comunidade tem que ter como documentos, que torna um lugar que possui características próprias incluindo a cultura, teve de vir da aldeia de Limão Verde o chefe do Posto, que naquela época cuidava desses assuntos. Nessa perspectiva com o passar dos anos as questões políticas foram se transformado, de chefe de Posto, cargo esse que era exercido com escolhas exclusivamente da Fundação Nacional do Índio- FUNAI, órgão que compete a cuidar de nossos direitos. Atualmente temos a liberdade de eleger através de votações anônimas, como são feitas todas as votações para se eleger candidatos a cargos públicos. Atualmente a aldeia Aldeinha conta com a ajuda do cacique Flavio, que já fora cacique nos anos 2000, permanecendo oito anos no cargo para cuidar dos direitos de nossa comunidade, podendo citar um de seus feitos para a educação foi ter requisitado a construção da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, no ano 2001. (PEREIRA, MEDEIROS e SILVA, 2016).

Questionário sobre a língua Terena, entregues ´para alguns indígenas, moradores da Aldeia Aldeinha e aos arredores do município de Anastácio-MS

Sabemos que para melhor compreensão da língua, é de suma importância estudar, pesquisar bibliograficamente, sua origem, transformações com o decorrer do tempo histórico, entre outras questões que fazem parte do contexto linguístico. Faz-se necessário também pesquisarmos suas transformações atualmente, nesse novo contexto que estamos vivenciando, com uma diversidade sociocultural, onde sentimos a necessidade de

pertencimento de algum grupo social. Nessa perspectiva elaboramos uma pesquisa de campo com dose parentes, seis falantes e seis não falantes da língua Terena de idades diferentes entre 14 a 72 anos, moradores da Aldeia Aldeinha e aos arredores do município de Anastácio-MS (sabemos que nem todos os parentes vivem dentro da Aldeinha por falta de espaço).

Foi realizada a entrega dos questionários, os quais foram recebidos em datas e horários diferentes, em virtude de desencontros, por motivos de muitos trabalharem fora de casa, uns por motivos de ausência (não estar em sua residência) e outros por estarem na escola, por serem estudantes. Dessa maneira o questionário tem períodos bem diversificados, alguns conseguimos em meses de diferenças. Os questionários estão organizados de acordo com as apresentações em gráficos, primeiro analisamos o questionário direcionado aos seis falantes e depois o questionário direcionado aos seis não falantes da língua Terena:

Questionário direcionado para pessoas falantes da Língua Terena:

- 1 - Quantos anos você tem? Você acha a língua Terena difícil? Se sim ou não, comente.
- 2 - Como você vê a língua portuguesa?
- 3 - Como você vê a língua de nosso povo?
- 4 - Porque alguns não falam mais a língua dos antigos? Você já ensinou nossa língua para alguém e para quem?
- 5 - É importante falar a língua dos antigos? Se sim ou não, comente.
- 6 - Com quem aprendeu a língua Terena? E como?

As respostas dos questionários foram organizados em gráficos, conforme está posicionado acima em ordem numérica, no intuito de poder analisa-los e de ter melhor compreensão. Primeiramente são as respostas dos parentes falantes da língua Terena:

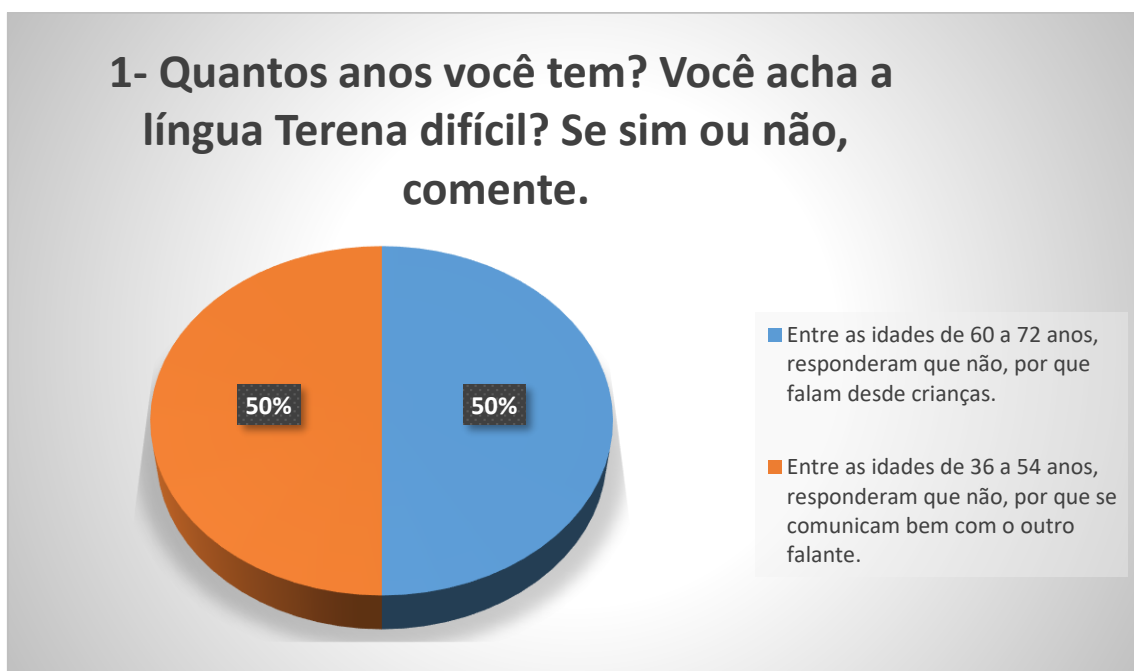


Fig. 1 – Gráfico com relação da dificuldade de falar a língua Terena.

Dos seis falantes, três (metade) entre as idades de 60 a 72, responderam que não, por que falam desde criança. Outros três entre 36 a 54 anos, responderam que não, porque se comunicam bem com o outro falante.

Em nossa comunidade a predominância de falantes da língua Terena, são dos mais velhos. Quando se tem contato direto com a cultura sociolinguística, temos a confiança de que somos dominantes da nossa língua, também por estar num meio em que se interage com a comunidade e se partilha dos mesmos modos e costumes. (RCNEI, 1998).

Conforme o RCNEI (1998):

[...] reconhecer e manter a diversidade cultural e lingüísticas; promover uma situação de comunicação entre experiências socioculturais, lingüísticas e históricas [...] estimular o entendimento e o respeito entre seres humanos de identidades étnicas diferentes, ainda que se reconheça que tais relações vêm ocorrendo historicamente em contextos de desigualdade social e política. (p. 24).

Compreendemos que nossa comunidade é possuidora de sua própria história, seja ela sociocultural ou linguística, os valores linguísticos estão vinculados a cada grupo

étnico, suas características e individualidades variam de comunidade para comunidade. Nossos parentes que falam a língua Terena, são considerados bilíngues, por falarem a língua Terena e a língua portuguesa, porém a valorização e o domínio é caracterizado na língua Terena, por fazer parte da etnicidade de nós Terena. (RCNEI, 1998).



Fig. 2 – Gráfico com o olhar indígena sobre a língua portuguesa.

A pergunta relacionada a visões sobre a língua portuguesa, teve 100%, os seis falantes disseram ver a língua portuguesa como algo imposto, para que fosse utilizada como única língua, assim desconsiderando totalmente a língua materna de cada grupo existente.

Nossa população indígena compreende que nossos antepassados sofreram com a colonização, com grandes perdas não só territoriais mais como também culturais.

As autoras Oliveira, Arantes e Gomes (2013), ressaltam as influências ocasionadas nesse período, que até os dias atuais são predominantes:

Outro dado importante é que muitas das línguas indígenas aqui no Brasil são as influências que sofreram com outras línguas desde a colonização. Além do contato com a língua portuguesa também podemos perceber influências do espanhol, pois muitas das LI situam-se em regiões de fronteira como acontece com as línguas da família Karíb que estão na região das guianas

brasileira, francesa e inglesa além de fazerem fronteira com a Venezuela. (p. 95).

Nesse sentido sabemos que existia o dobro de língua que existe hoje, a língua indígena (descrito na citação acima com abreviação LI), que no processo colonial nossos ancestrais foram obrigados a deixarem de lado e usarem somente a língua portuguesa, também houve interferências sociolinguísticas de outros grupos socioculturais, devido o contato com os mesmos. (OLIVEIRA, ARANTES e GOMES, 2013),

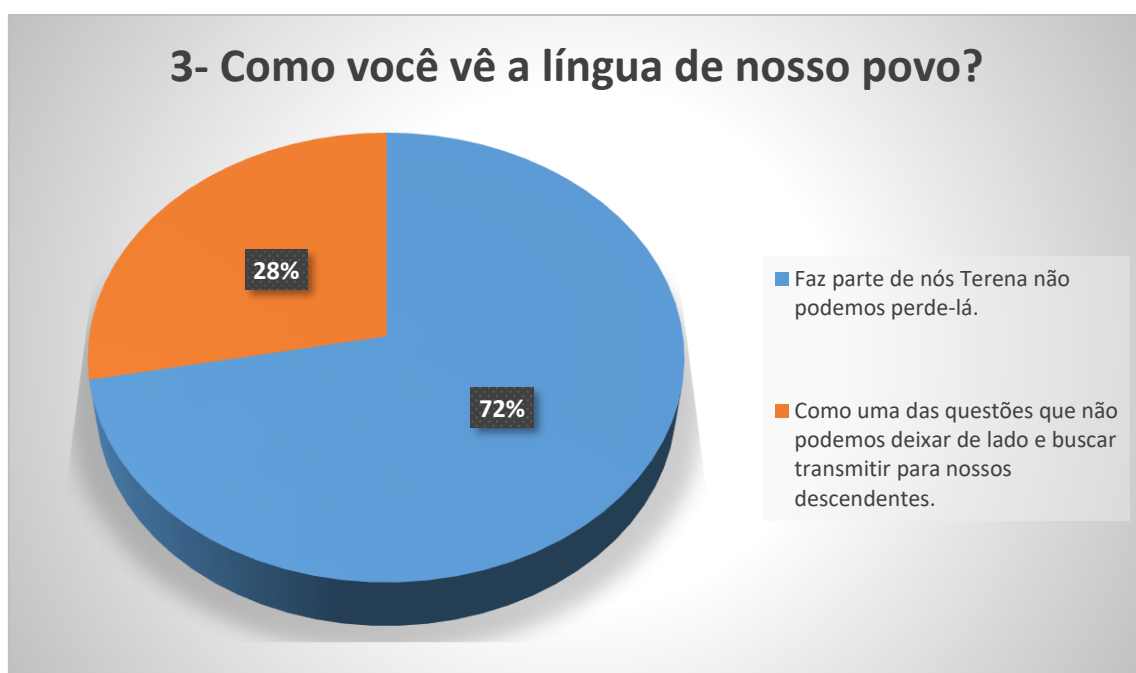


Fig. 3 – Gráfico com visões sobre a língua de nosso povo.

Dos seis que responderam o questionário, quatro escreveram que vê a língua Terena como sendo uma das questões que não podemos deixar de lado e que devemos transmiti-la para nossos descendentes. Outros dois, disseram que a língua Terena faz parte de nós e que não podemos perde-la.

Além da transmissão da língua para nossos descendentes, é necessário estudarmos e registrarmos os saberes de cada falante indígena, respectivamente de cada grupo étnico, respeitando o modo de uso da língua Terena de cada comunidade, para que ela não desapareça. Atualmente há grandes linguistas, contribuindo para com a realização de pesquisas voltadas ao estudo das línguas, não só indígenas, como outras, e que dessa

maneira pode-se favorecer a permanência da língua, para que ela não desapareça, como as outras que um dia existira. (OLIVEIRA, ARANTES e GOMES, 2013).

Dessa maneira os autores Oliveira, Arantes e Gomes (2013), enfatizam:

O que ocorre é que quando um pesquisador volta o seu olhar para as questões de línguas indígenas, é preciso que ele esteja consciente de que é fundamental dissociar a cultura do homem branco e o olhar o índio por ele mesmo, ao invés de compará-los a outra etnia como algumas pessoas costumam fazer. Dessa forma se percebeu que a própria denominação “indígena” é uma generalização, pois são diversas etnias que se diferem entre si no Brasil. (p. 94).

Nesse sentido, caracterizando o estudo linguístico, dando ênfase a separação de povos visando sua etnicidade, que podemos distinguir o uso linguístico de cada grupo étnico, dessa maneira é possível elaborar estudos sobre a linguagem verbal de cada grupo existente. (OLIVEIRA, ARANTES e GOMES, 2013).

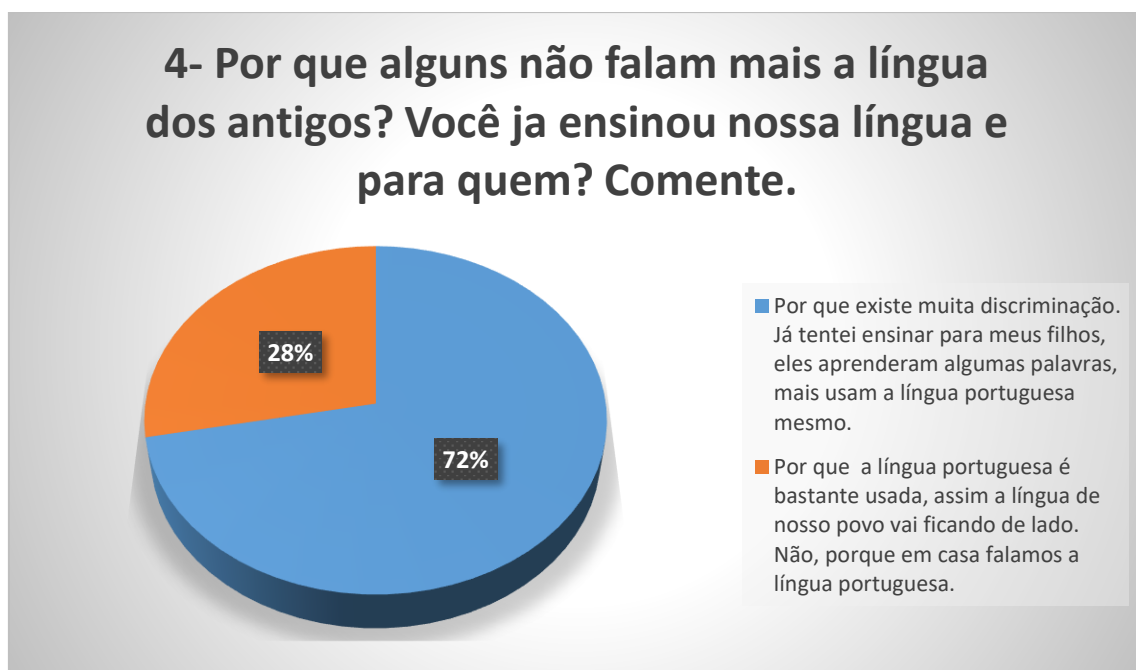


Fig. 4 – Gráfico sobre o uso da língua Terena.

Quatro falantes da língua Terena, responderam que existe muita discriminação em relação ao uso da língua Terena e que também tentou transmitir, ensinar para seus filhos, os quais, segundo os mesmos, aprenderam a falar algumas palavras, mais que para

se comunicar, utilizam a língua portuguesa. Outros dois parentes disseram que a língua portuguesa é bastante usada, dessa maneira a língua de nosso povo vai ficando de lado, assim todos de sua família, que reside na mesma casa se comunicam em português.

Vivemos num país onde a língua que se predomina é a língua portuguesa assim em nossas comunidades indígenas, por exemplo, é através da língua portuguesa que elaboramos estudos sobre nós mesmos, isso implica diretamente ao desuso da língua Terena. (OLIVEIRA, ARANTES e GOMES, 2013).

Nesse sentido os autores Oliveira, Arantes e Gomes (2013) defende:

[...] já que eles adaptam a sua cultura a um novo ambiente social, eles tanto se esforçam para serem inseridos que muitas vezes quando eles deixam o ambiente da “tribo” em rumo ao meio urbano ele aprende a língua portuguesa que hoje é considerada a segunda língua. (p.91).

Nessa perspectiva sabemos que nossos parentes tiveram que aprender a língua portuguesa e também novos costumes, como forma de adequação a um novo ambiente sociocultural, para sua sobrevivência. Dessa maneira a relação de uso da língua portuguesa se difere de comunidade para comunidade, dependentemente do processo colonizador que cada grupo étnico sofrera. (OLIVEIRA, ARANTES e GOMES, 2013).



Fig. 5– Gráfico sobre a importância da língua dos antigos.

Quatro responderam que é importante falar a língua, por que faz parte de nós Terena. Os outros dois, também responderam que sim, que é de grande importância, por que a língua Terena, mostra que somos possuidores de cultura e costumes.

Compreendemos que somos possuidores de modos costumes, crenças, dentre outros fatores que nos caracteriza fazer parte de um grupo social dessa maneira é relevante que nossa língua seja e permaneça como parte de nós, seu uso é de extrema importância, pois ajuda a mantê-la viva.

Nas palavras da autora Lima (2002):

Muitos estudiosos apontam a linguagem como expressão da cultura de um povo; ela pode ser considerada a expressão de um pensamento coletivo, visto que é criada para que os homens possam compartilhar seus pensamentos individuais em uma linguagem comum, compreensível ao grupo. (p. 22).

É através do uso da linguagem, que se cria possibilidades aos falantes para com o processo de construção da realidade vivenciada, dando suporte as experiências naquele meio (comunidade), a qual se pertence. O desuso da linguagem, dando ênfase a língua Terena, caracteriza-se grandes perdas, ou seja, a linguagem auxilia na transmissão de valores atribuídos aos conhecimentos adquiridos socioculturalmente. (LIMA, 2002).

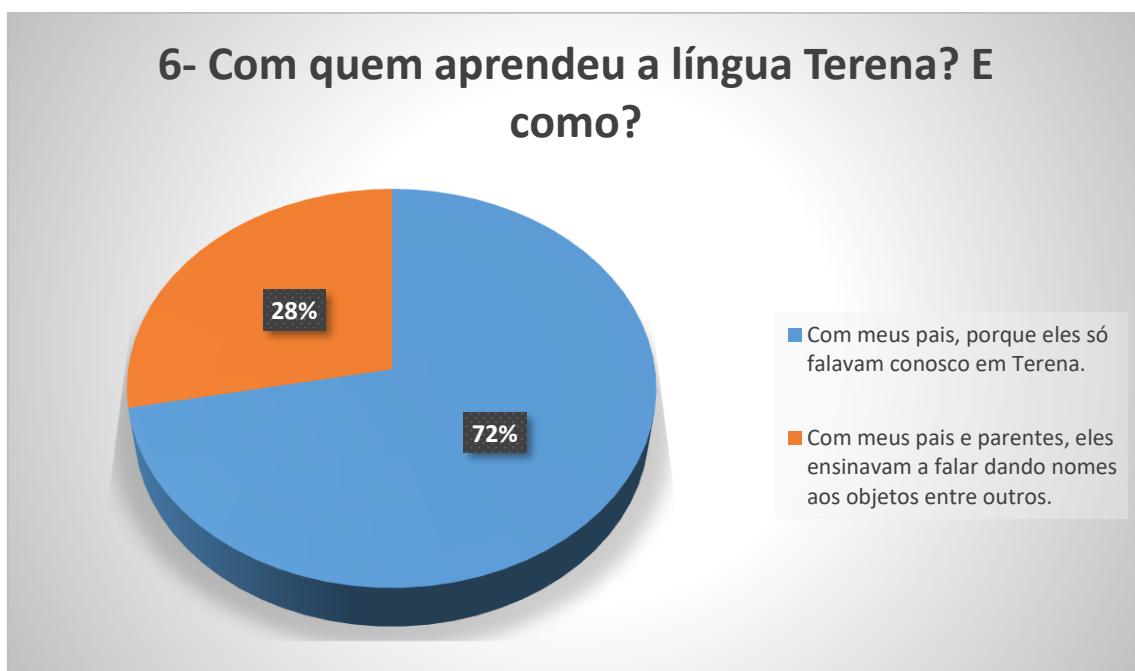


Fig. 6 – Gráfico sobre a aprendizagem da língua Terena.

Dos seis falantes da língua Terena, quatro disseram que aprenderam a falar a língua materna, com seus pais, devido a comunicação, eles se falavam só em Terena dentro de casa. Os outros dois, além de aprenderem com seus pais, também tiveram a oportunidade de aprenderem com seus parentes, eles ensinavam a falar dando nomes aos objetos, isto é, mostrava o objeto apontando-o e falava-se o nome do mesmo em língua Terena, etc.

Compreendemos que quando se tem base educacional no contexto familiar um trabalho conjunto com a comunidade envolvida, estimula gradativamente no processo ensino aprendizagem, no convívio através da comunicação verbal com a linguagem em uso, diariamente, partilha-se a mesma concepção de visões de mundo. (PCN'S, 1997).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (PCN'S, 1997), evidencia-se a linguagem como processo pelo qual o homem é capaz de interagir com o mundo social em que pertence, dessa maneira é de suma importância sua aprendizagem:

A linguagem verbal possibilita ao homem representar a realidade física e social e, desde o momento em que é aprendida, conserva um vínculo muito estreito com o pensamento. Possibilita não só a representação e a regulação do pensamento e da ação, próprios e alheios, mas, também, comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas e desse modo, influenciar o outro

e estabelecer relações interpessoais anteriormente existentes. (p.22).

Nesse sentido entendemos que é relevante o ensino aprendizagem da língua, no sentido que a mesma pode nos proporcionar conhecimentos socioculturais, fazendo com que haja uma ponte entre os demais componentes que fazem parte da mesma comunidade.

1.2 Questionário entregue sobre a língua Terena, para parentes não falantes, também residentes dentro e fora da Aldeinha

Questionário direcionado a Pessoas não Falantes da Língua Terena:

- 1 - Quantos anos você tem? Porque você não fala a língua de nosso povo?
- 2 - O que você acha da língua portuguesa? Comente.
- 3 - É importante falar a língua dos antigos? Se sim ou não, comente.
- 4 - Como você vê a língua de nosso povo?
- 5 - Porque alguns Terena não falam a própria língua?
- 6 - Você gostaria de falar a língua dos antigos? Se sim ou não, comente.

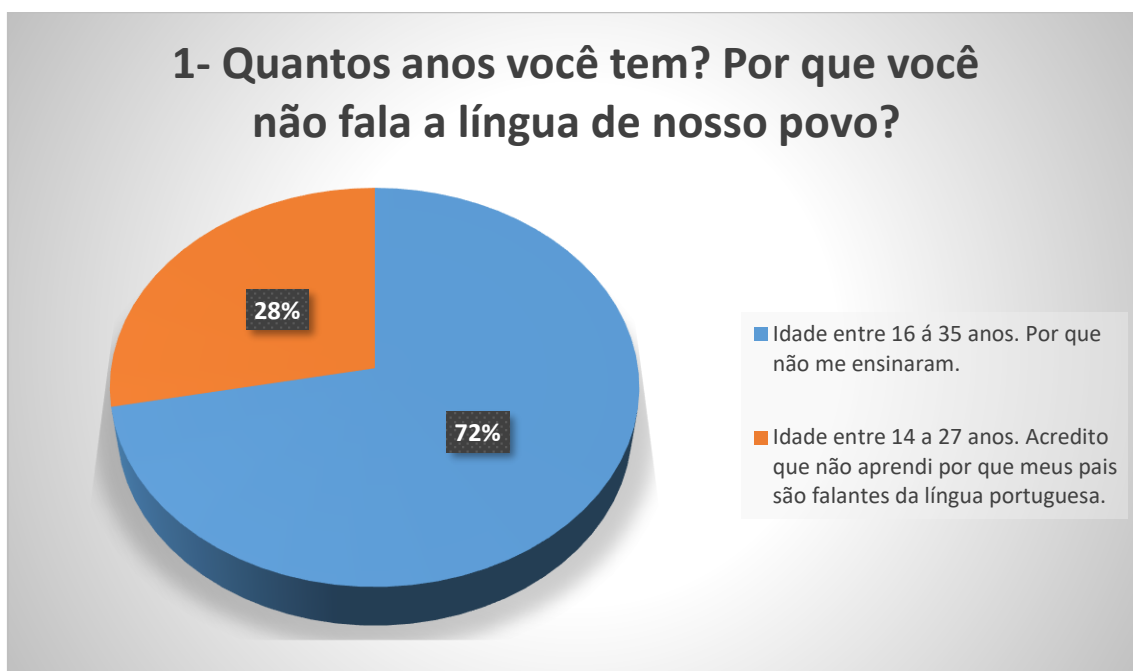


Fig. 1 – Gráfico com a relação dos não falantes da língua Terena.

Quatro não falantes da língua Terena, entre a idade de 14 a 27 anos responderam que não aprenderam a falar a língua por que não tiveram quem ensinassem. Já os outros dois, responderam que acreditam que não tiveram a oportunidade de aprender a língua Terena, pelo fato de que os pais, assim como eles são falantes da língua portuguesa.

Podemos compreender que os parentes não falantes da língua Terena, não tiveram nenhum tipo de contato direto com a língua Terena, limitando-os a serem monolíngues, isto é falantes da língua portuguesa. (FIALHO, 2010).

Fialho (2010), no discorrer de sua pesquisa, aborda sobre a migração como influências que favorecerem para com o processo linguístico:

Durante este movimento migratório do povo Terena foi intensificado o contato com os “purútuye”, falantes da língua portuguesa e as minoritárias vão ficando cada vez mais expostos e sufocada pela língua predominante, correndo o risco de acontecer um deslocamento lingüístico, isto é, a substituição da língua materna pela língua portuguesa [...]. (p.35).

Compreendemos que além da migração dos Terena, fato que levaram nossos antepassados a lutar pela sua subsistência, integrando-se ao novo meio social, onde existia novos modo e costumes, inclusive pessoas falantes de outras línguas como a língua portuguesa. Houve também uma forte influência das instituições de ensino para fortalecer o ensino aprendizagem da língua portuguesa, assim descaracterizando totalmente o uso da língua Terena. (FIALHO, 2010).

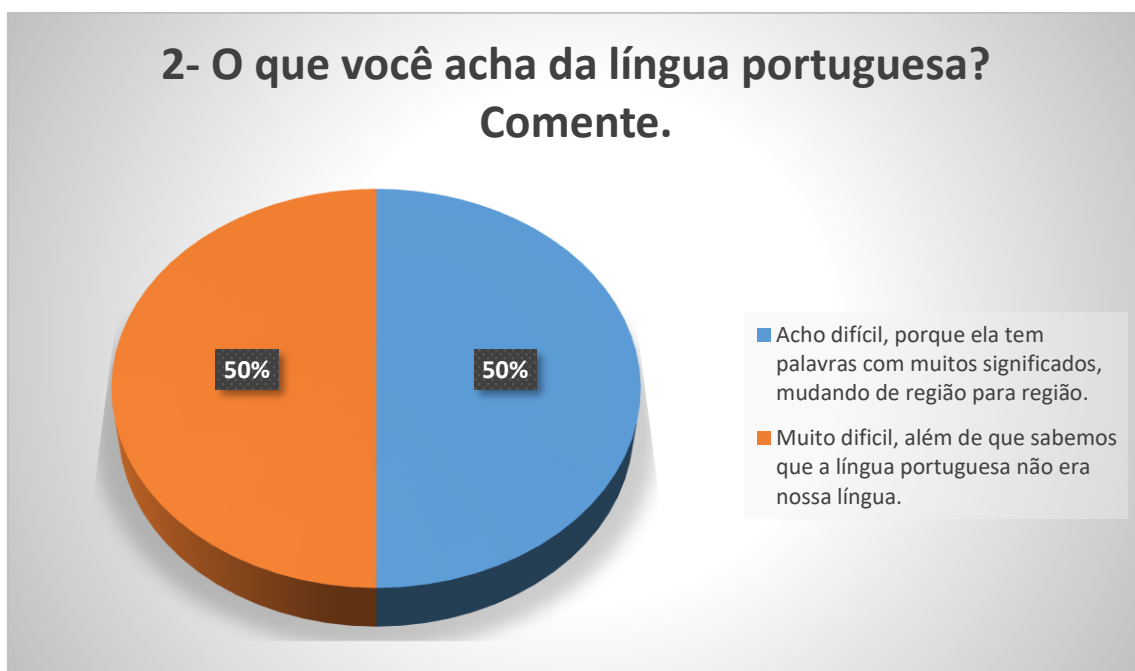


Fig. 2 – Gráfico como o indígena percebe a língua portuguesa.

Dos seis, todos vê a língua portuguesa como sendo difícil e a metade(três), justificaram que a língua portuguesa é difícil, por ter palavras com muitos significados, mudando de região para região e a outra metade, disseram que a língua portuguesa é considerada difícil, por que sabem que a mesma não era a nossa língua, ou seja, a língua Terena.

Dentre as variações que o português possui em nosso país, tendo em vista o multiculturalismo, assim como na escrita, a diferenciação nas pronúncias faladas, subentendendo que falamos de modo informal e para uma escrita correta temos que escrevemos formalmente. Cagliari (1993).

O autor Cagliari (1993), ressalta sobre a variação linguística, no âmbito de valorização linguístico, do que é certo ou errado, utilizando dos estudos da fonologia para ressaltar essas variações:

A variação linguística provém não apenas da evolução histórica das línguas e de suas raízes locais, geograficamente delimitada, nem só aparece na sociedade estratificada a maneira das classes sociais e grupos étnicos. É encontrada também no comportamento linguístico de uma única pessoa, em diferentes circunstâncias de

sua vida, independentemente da classe social ou região a que pertença. (p. 86).

Nessa perspectiva sabemos que a linguagem verbal muda, se diferenciando da linguagem escrita. Também muitas pessoas desconhecem o jeito formal que as palavras são descritas em comunicação verbal (seminário, conferência, entre outros), em textos, como por exemplo, documentos oficiais, leis, enfim, muitas pessoas que compõem nossa sociedade desconhecem esse tipo de linguagem. Outra questão que caracterizou o grau de dificuldade perante a língua portuguesa, foi o fato de a mesma não ser nossa primeira língua. (CAGLIARI, 1993).



Fig. 3 – Gráfico sobre a importância da língua Terena.

Quatro parentes, responderam que é importante falar a língua Terena, porque ela faz parte de nossa cultura, outros dois também concordaram que é importante, porque somos indígenas e temos que aprender a falar a língua Terena.

Compreendemos que a linguagem verbal, seja ela escrita ou falada, identifica e constrói a história sociocultural, estabelecendo a interação social relativa ao grupo pertencente. (DIAS, 2014).

Segundo a autora Dias (2014), é relevante o exercício da língua pelos seus falantes, assim fazendo com que a mesma permaneça viva:

Dentro dessa perspectiva a língua só existe em função do uso que os locutores e interlocutores fazem dela em situações de comunicação. O ensinar, o aprender e o empregar a linguagem passam necessariamente pelo sujeito, o agente das relações sociais é responsável pela composição e pelo estilo dos discursos. [...] O sujeito se torna indivíduo no processo de interação social e, nesse processo de formação, a linguagem constitui-se como um recurso extremamente importante. (p. 8- 10).

Compreendemos que cada grupo social possui e pratica a linguagem verbal no meio em que está inserido, fazendo com que haja uma interação sociolinguística. Assim para que possamos interagir e manter sua existência, é necessário o processo ensino aprendizagem dos componentes que compõem a mesma comunidade, os descendente, no caso nós indígenas, os quais através de nós haja mediação para com nossos filhos e para quem descende de nossos filhos. (DIAS, 2014).

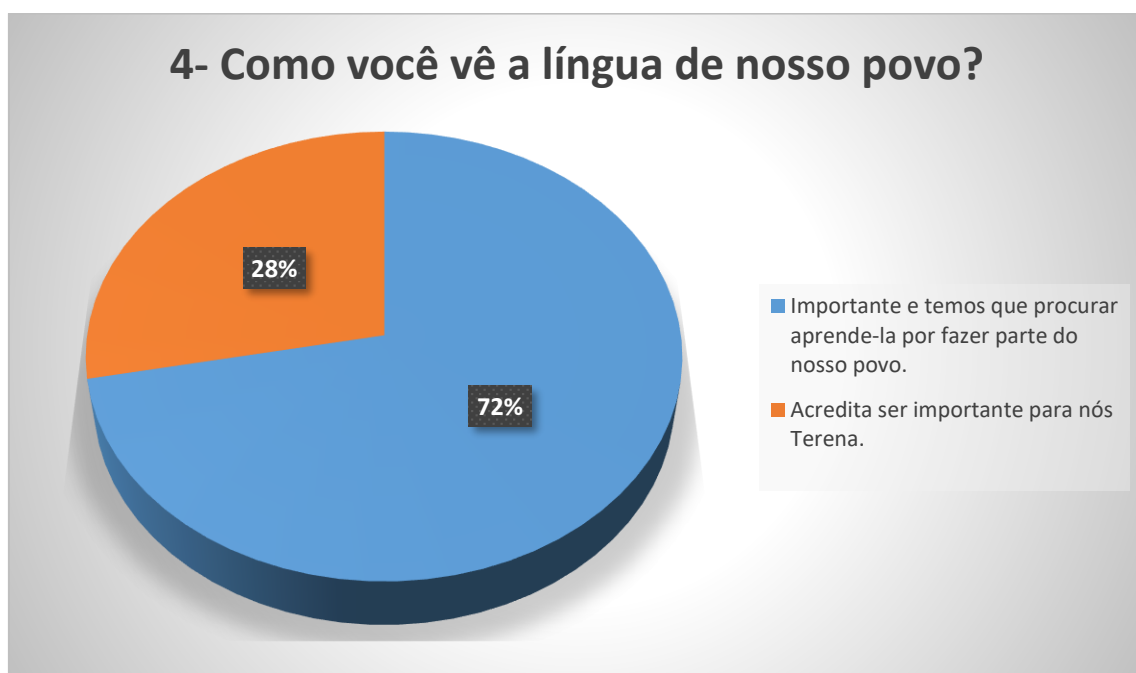


Fig. 4 – Gráfico com visões sobre a língua Terena.

Dos seis, quatro responderam que a língua Terena é importante e temos que procurar aprende-la, por fazer parte do nosso povo. Outros dois apenas acreditam que a língua Terena seja importante para nós Terena.

É relevante a linguagem verbal enquanto meio para proporcionar a socioculturalidade. Sabemos que uma sociedade é inexistente sem interação da linguagem

verbal, a qual através de falantes torna possível formular sua estrutura organizacional, estabelecendo vínculos com os membros pertencentes. (BAGNO e RANGEL, 2005).

Os autores Bagno e Rangel (2005), vê o processo de ensino aprendizagem da linguística, como educação linguística, dando ênfase na maneira como o falante deve se apropriar da linguagem verbal:

Dentro de nossa perspectiva, portanto, é possível dizer que a educação linguística de cada indivíduo começa logo no início de sua vida, quando, em suas interações com a família e a comunidade, adquire sua língua materna e, junto com ela, progressivamente, toda uma *cultura* de linguagem característica de seu meio social. (p. 64).

Nesse sentido, podemos compreender que é necessário termos uma base de educação linguística, através do contexto familiar, o que causa grandes influências no processo ensino aprendizagem do falante. Dessa maneira subentendemos que a linguagem, como processo de comunicação e geradora de simbolismos, torna-se necessária para com o meio em que se está inserido, proporcionado a ligação entre os seus participantes com os modos e costumes, daquele grupo existente. (BAGNO e RANGEL, 2005).

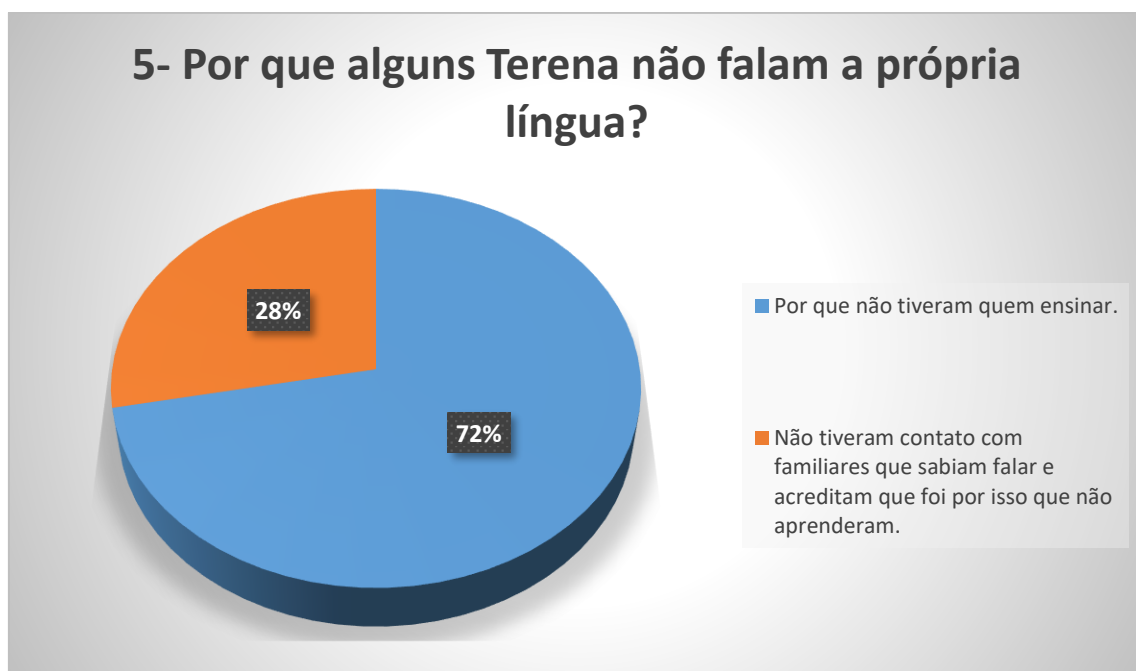


Fig. 5 – Gráfico sobre a não aprendizagem da língua Terena.

Dos seis que responderam ao questionário, quatro acreditam que pelo fato de não terem quem ensinar, foi o motivo de não saberem falar a língua Terena. Dois, responderam que existem Terena que não falam a língua materna, por que não tiveram contato com familiares que sabiam falar e acreditam que foi por isso que não aprenderam.

Nessa perspectiva, subentendendo que o que difere a aprendizagem da língua é o contato direto com os falantes da mesma, mais como vivemos num país colonizado, com grandes interferências linguísticas, com predominância a língua portuguesa, fica evidente haver muitos Terena monolíngues. (PATROCÍNIO e SOUZA, 2011).

Assim as autoras Patrocínio e Souza (2011):

A proibição do uso das línguas indígenas foi direta nos variados contextos: onde as línguas indígenas (qualquer que fosse) era “feia”, e ser índio era uma “vergonha”. Assim o monolingüismo no país acabou ganhando forças desde a época do Brasil, ainda como colônia de Portugal que foi muito eficaz para todas aquelas comunidades falantes de variedades desprestigiadas do português. (p. 3).

Nesse sentido compreendemos que ainda nos dias atuais existem diversos preconceitos, caracterizados desde o período colonial, onde ser indígena, com características marcantes, como nossos costumes, entre outras questões que nos difere de outras culturas. Precisamos buscar o ensino aprendizagem da língua Terena, a qual faz parte de nós, que fora nos tirado o direito de falar, para que possamos resgatar nossa língua materna e transmiti-la para nossos descendentes.

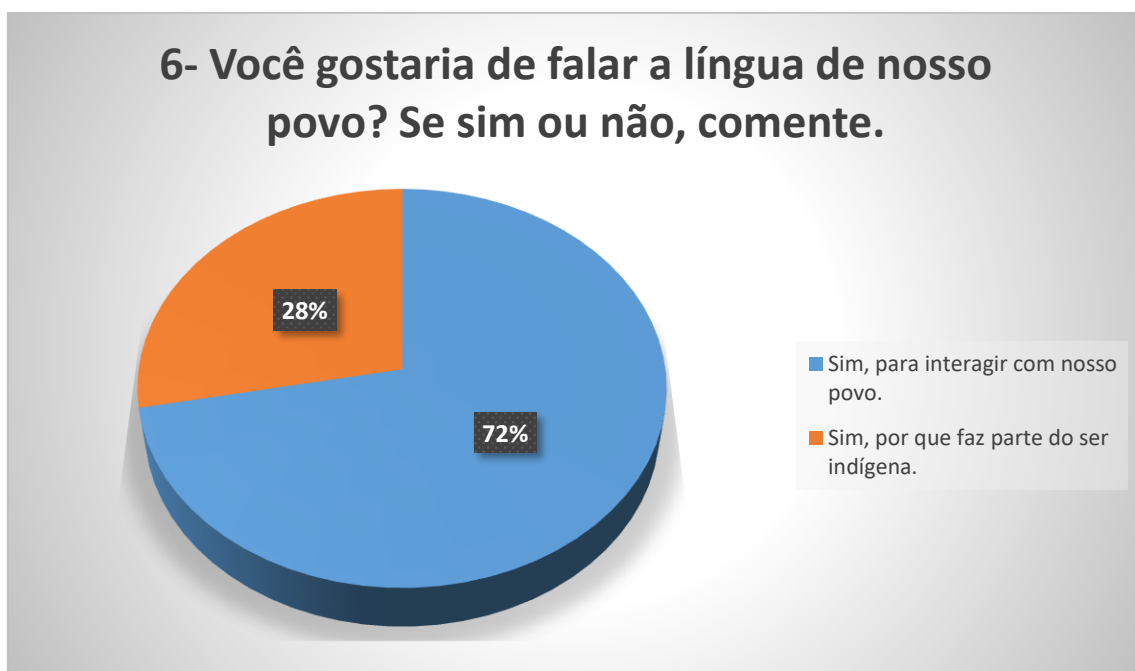


Fig. 6 – Gráfico com relação a vontade de aprender ou não a língua Terena.

Dos seis falantes da Língua Terena, dois acreditam que a língua Terena faz parte do ser “indígena” e quatro responderam que sim, para interagir com nosso povo.

Compreendendo que os parentes que responderam o questionário, são monolíngues, tendo a língua portuguesa como sua primeira língua é relevante atentarmos o olhar sobre a questão linguística, uma vez que somos indígenas, possuidores étnicos de nossa própria língua, sendo assim temos de aprende-la. (ANTONIO, 2009).

Nesse sentido o autor Antonio (2009), fala da importância do ensino bilíngue tendo como primeira língua o ensino da língua Terena e como segunda a língua portuguesa:

O bilinguismo no ensino é fundamental para respeitar a multiculturalidade. Isso porque as leis e a constituição, sobretudo já falam que tem que assegurar a diversidade cultural dos povos indígenas. Mas precisa deixar claro ainda a relação entre a diversidade cultural e a língua. Porque a diversidade cultural está relacionada com os costumes, ritos, crenças e práticas, e a diversidade histórica é a preservação da memória. E a memória está no Terena vivo, está no velho. O Terena é um povo de cultura muito oral e a memória precisa de gente para ficar viva. (p. 45).

Compreendendo que nosso direito, a qual está acrescido na constituição de 1988 garantindo o zelo de nossos modos e costumes, a cultura étnica, sobretudo a cultura sociolinguística. Dessa maneira sabemos que atualmente existe meios para que possa ser

concretizado o ensino aprendido da língua Terena, através das escolas indígenas que se encontram em cada comunidade. Além da instituição de ensino poder nos ajudar, mediando o ensino da língua, também temos que buscar ajuda com nossos mestres tradicionais, pois quando eles se forem, vão levar com eles grandes sabedorias sobre nós, inclusive nossa língua. (ANTONIO,2009).

Considerações Finais

Considerando que vivemos em meio a diversidade sociocultural, a qual sabemos das influências que cada cultura exerce sobre outra, modo esse que interfere diretamente na linguagem verbal, com transformações nos costumes, crenças entre outras características de um povo. Sabemos também que somos possuidores de nossos próprios costumes, dessa maneira compreendemos, assim como é relevante ensinar, transmitir tanto nossa língua Terena, a qual serve como ponte para com nossa cultura, para que os mesmos não sejam extintos com os novos contatos que temos com outras culturas sociolinguísticas.

Assim buscamos através dessa pesquisa iniciar desde a origem de nós Terena, de maneira sistematizada, todo o percurso histórico desde a colonização, a migração e os impactos linguísticos com outras línguas, enfatizando a língua portuguesa como a principal, a qual foi imposta o seu uso, descaracterizando as línguas indígenas aqui existentes.

Nesse sentido em busca de respostas sobre a disseminação linguística, em relação a não ocorrência do processo ensino aprendizagem de nossa língua Terena, para nós enquanto possuidores deste direito (o direito de aprender), foi o anseio de tentar compreender o porquê que algumas pessoas não sabem usufruir do grande benefício de ser bilíngue e nem mesmo sabe a relevância de sua língua Terena para com a transmissão e interação para com os demais membros que fazem parte de sua comunidade. Foi através da pesquisa bibliográfica, com estudos elaborados, com bases teóricas em antropólogos, linguistas, entre outros colaboradores, que podemos estabelecer a criticidade sobre o assunto, aprofundando-se na prática, fizemos uma pesquisa a campo, onde podemos comparar as estruturas influenciadoras da multiculturalidade perante a linguagem verbal.

Assim podemos ver um pouco sobre os impactos do período colonial, que atualmente ainda está impregnado perante o olhar da sociedade.

A pesquisa de campo foi direcionada aos nossos parentes falantes e não falantes da língua Terena, no intuito de tentar buscar conhecimentos sobre como está se dando o uso e o não uso da língua Terena, tendo em vista o contato direto com a língua portuguesa. Ao término da análise dos dados podemos compreender que os parentes com idades mais avançadas são os que dominam o uso da língua Terena, sendo assim os mais jovens, são falantes da língua portuguesa, por não terem aprendido ou alguém que ensinasse.

Assim compreendemos a grande influência da língua portuguesa na vida cotidiana de nossos parentes, também em virtude de entender através da análise dos dados o quanto há falta de mediação da língua Terena desde o nascimento, onde somos induzidos e ensinados a termos a língua portuguesa como língua materna, seja por que os pais são monolíngues (falantes da língua portuguesa), ou pelo fato de existir muitas visões estereotipadas em relação a nossa língua Terena.

Nossos parentes vem tentando reverter a situação com a ajuda da escola indígena, como mediadora desse processo ensino aprendizagem da língua Terena. Também percebemos que assim como nós enquanto pesquisadores, nossos parentes vem buscando utilizar a língua portuguesa como auxílio para pesquisas e registros de nossa própria cultura e língua Terena, no intuito de sua ampliação, em busca de levar nossos conhecimentos para toda a sociedade indígena e não indígena.

Nessa perspectiva, podemos subentender que em virtude da comunidade está em meio ao contexto sociocultural diversificado, questão que interfere totalmente na maneira da comunicação verbal, considerando a família enquanto fator principal e depois a comunidade são responsáveis em mediar saberes sobre suas origens, costumes, linguagem verbal, dentre outras questões que faça com que a pessoa se sinta parte daquele grupo e consiga construir sua própria identidade. Sabemos que nenhuma pesquisa é dada seu término como finalizada ou concluída, dessa maneira proponho ser interessante pesquisar a importância da família, a qual serve como base da educação de seus membros, talvez no intuito de saber o como está sendo formada a estrutura familiar em relação a etnicidade pertencente.

Referências Bibliográficas

ANTONIO, Nilza, Leite. **Raízes na língua: identidade e rede social de crianças Terena da escola bilíngue na aldeia Bananal**. 2009, p. 45. >Disponível em <https://site.ucdb/.../8114-raizes-na-lingua-identidade-e-rede-social-de-criancas-terena-...>

BAGNO, Marcos. RANGEL, Egon, de, Oliveira. **Tarefas da educação lingüística no Brasil**. 2005, p. 64. > Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbla/v5n1/04/pdf>

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretária de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. 1998, p. 24- 105. > Disponível em <https://www.dominiopublico/DetalheObraForm>

BRASIL. Ministério da Educação. **A história do povo Terena**. BITTENCOURT, Circe Maria. LADEIRA, Maria Elisa. MEC, 2000, p. 13. >Disponível em <https://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload>

Brasil, **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC, 1997, p. 22. >Disponível em portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf

CAGLIARI, Luiz, Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo, 1993, p. 86.

CRUZ, Simone de Figueiredo. **A criança Terena: O diálogo entre a educação indígena e a educação escolar na Aldeia Buriti**. 2009, p. 28,29,31- 32. >Disponível em <https://site.ucdb.br/...>

DIAS, Hanel, Rosangela. **Linguagem, interação e socialização contribuições de Mead e Bakhtin**. 2014, p 8- 10. >Disponível em <https://xanpedsul.faed.udescbrarg>

FIALHO, Celma, Francelino. **O percurso histórico da língua e cultura Terena na aldeia Ypegue/Aquidauana/MS**. 2010, p. 35. > Disponível em <https://ucdb.br/...8158-o-percurso-historico-da-lingua-e-cultura-terena-na-aldeia-ipegue...>

LIMA, Rita, de, Cássia, Marques. **“O poder da comunicação e a intertextualidade”**. 2002, p. 22. > Disponível em [https:// bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle](https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle)

Oliveira, Letícia, de, Reis. ARANTES, Taís, Turaça. GOMES, Nataniel, dos, Santos. **Panorama histórico da pesquisa em língua indígena no Mato Grosso do Sul.** 2013, p. 91, 94- 95. > Disponível em [https://www. uems. br/](https://www.uems.br/)

PATROCÍNIO, Ingrid, Joice, de, Lima. SOUZA, Sandra, Cristina, de. **Temas e conteúdos abordados por professores indígenas em oficinas de produção de texto em língua Terena.** 2011, p. 3. > Disponível em [https:// anaisonline.uems.br/](https://anaisonline.uems.br/)

PEREIRA, Evelin, Tatiane, S., MEDEIROS, Heitor, Q., SILVA, Antonio Carlos, S. S. **Memória e histórias da etnia Terena da Aldeinha, Anastácio (MS), para a gestão da escola indígena.** 2016. >Disponível em <https://cidhsite.files.wordpress.com>

SILVA, Denise. **Descrição fonológica da língua Terena (ARUAK).** 2009, p.22- 25. >Disponível em etnolinguistica.wdfiles.com/local—files/tese

URQUIZA et all. **Cultura e História dos Povos Indígenas. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância. Módulo 2, Conhecendo os povos indígenas no Brasil contemporâneo.** Campo Grande – MS, 2010, p. 49.

Anexos

QUESTIONÁRIO

Questionário direcionado para pessoas falantes da Língua Terena:

- 1 - Quantos anos você tem? Você acha a língua Terena difícil? Se sim ou não, comente.
- 2 - Como você vê a língua portuguesa?
- 3 - Como você vê a língua de nosso povo?
- 4 - Porque alguns não falam mais a língua dos antigos? Você já ensinou nossa língua para alguém e para quem?
- 5 - É importante falar a língua dos antigos? Se sim ou não, comente.
- 6 - Com quem aprendeu a língua Terena? E como?

QUESTIONÁRIO

Questionário direcionado a Pessoas não Falantes da Língua Terena

- 1 - Quantos anos você tem? Porque você não fala a língua de nosso povo?
- 2 - O que você acha da língua portuguesa? Comente.
- 3 - É importante falar a língua dos antigos? Se sim ou não, comente.
- 4 - Como você vê a língua de nosso povo?
- 5 - Porque alguns Terena não falam a própria língua?
- 6 - Você gostaria de falar a língua dos antigos? Se sim ou não, comente.

MARGAREJO, Vanessa Alves e RODRIGUES, Marlon Leal. **Língua Terena: Identidade Linguística.** In: Web-Revista Discursividade, Estudos Linguísticos, Volume 29, ISSN 1983-6740, Março/2025. Pp:194-225. Consultar no Portal de periódicos científicos da Editora e Livraria Pantanal, <http://ojs.pantanaleditoraeditoria.com.br>